

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Caldeira, José de Ribamar C. - A ANL no Maranhão: abril/junho de 1935. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, 1990. 84p. (Série Memória - Sociologia, 1).

Resultou este trabalho, segundo declaração do próprio autor, do "aprofundamento da análise de tema explorado apenas ligeiramente" em sua dissertação de mestrado em Ciência Política, apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Univ. Estadual de Campinas (Unicamp), em 1982. E ao revê-lo para a presente publicação, fê-lo por pressupor que "constitui episódio do interesse de estudantes e pesquisadores na moderna história política maranhense". E se bem o pressupôs, melhor o realizou, trazendo uma excelente e honesta contribuição ao tema que se propôs estudar, qual seja o movimento político "formado por uma frente liderada por comunistas, da qual participaram setores da burguesia, pequena burguesia, classes médias, proletariado urbano, militares e partidos de esquerda e ocorrido no Brasil em 1935, em decorrência da conjuntura de grande instabilidade econômica e política no país". Assunto, por isto mesmo, nem sempre apreciado com a necessária isenção de ânimo e, conseqüentemente deturpado, deformado ou apenas mal-interpretado. Precedeu seu estudo local de uma apreciação crítica sobre as fontes existentes para o conhecimento da ANL, as quais, dada a própria natureza do movimento e por motivos óbvios, não podem ser muitas. Mas, as que existem foram bem apreciadas. O cerne do trabalho está nos capítulos referentes à "questão regional" e depois ao Maranhão propriamente. Sua conclusão merece transcrita: "No caso maranhense, a ANL constituiu o prosseguimento dos movimentos coordenados pelo PCB na região e que conseguiu arregimentar razoável número de adeptos das classes médias de São Luís. Nesse sentido, apresentou-se como movimento que atuou somente no maior e mais importante centro urbano do Maranhão. E ainda: de certo modo, a militância dos indivíduos no movimento aliancista regional significou a cessão de seu apoio às propostas da ANL, que continha

indicações com as quais se identificaram ideologicamente. Por outra via, constituiu também o movimento aliancista mais uma oportunidade que encontravam para participar da vida política regional e nacional sem a interferência dos velhos grupos políticos maranhenses, cujos objetivos principais gravitavam em torno da conquista e controle do aparelho estatal, sem a proposição de introdução de mudanças na sociedade." ONM. (Cortesia do autor)

Cunha, Fernando Whitaker da - A Constituição de 1988 e a evolução constitucional do Brasil. Rio de Janeiro, Edições Tagore/Academia Brasileira de Letras Jurídicas, 1989. 118p

Excelente subsídio à história constitucional do Brasil, analisando a atual Constituição, mas restreando a vida institucional do País desde a Constituição Imperial de 1824 (a de mais longa duração em nossa história), cuidando sobretudo de suas diretrizes políticas. Bastante ponderadas as críticas à Constituição de 1988, que praticamente em nada se valeu das experiências de tantas outras constituições, pois reincidiu nos mesmos erros e agravando a muitos outros. "Desde o princípio verificou-se a impossibilidade de produzir-se um discurso constitucional enxuto, preciso, incisivo, que contrariaria, diga-se de passagem, nosso caráter nacional prolixo, caudaloso, retórico e sem objetividade, preferindo-se uma Lei Suprema excessivamente analítica (que detalhou inutilmente as teses partidárias), uma vez que incontáveis dispositivos, discutindo-se seu número exato, ficaram dependendo de leis complementares e ordinárias, fazendo com que a Constituição, em grande parte, não tenha imediata aplicação". (p. 13) A parte intitulada "Diretrizes Políticas das Constituições Brasileiras" (mais da metade do volume) foi dedicada à memória de Pontes de Miranda e trata de: a carta de 1824 e o Ato Adicional; a Constituição de 1891; a Reforma de 1926; a Constituição de 1934; a Carta de 1937; a Constituição de 1946; a Emenda Parlamentarista; a Constituição de 1967; a Emenda nº 1, de 1969. ONM (Cortesia do autor).

Graciotti, Mário - O outro caminho da libertação: conversa imaginária com o Frei Leonardo Boff. São Paulo, Ibrasa, 1990. 140 p

O "Impulso inicial" que levou o autor a relacionar algumas de suas "inúmeras iniciativas assistenciais e culturais, para demonstrar que todos

nós podemos contribuir para legitimar os fundamentos de um mundo melhor, tão necessário e tão esperado", constitui praticamente a razão-de-ser deste livro, que Mário Graciotti simula como uma "conversa imaginária" com o conhecido sacerdote católico Frei Leonardo Boff, tudo afim de demonstrar que "para servir não é preciso ser teólogo, sacerdote ou pertencer a alguma igreja ou partido político". E a comprovação disto está na própria vida e obra do autor, a quem São Paulo e o Brasil devem algumas iniciativas marcantes nos domínios da assistência social e da divulgação cultural. Nesta, através da revista *Inteligência*, que criou e dirigiu por muitos anos, e do "Clube do Livro", que distribuiu livros a mancheias por toda a parte, num empreendimento editorial pode-se dizer sem igual no Brasil. Naquela, como médico e instituidor em São Paulo de numerosas obras (centros de saúde e hospitais) sugeridos pelos autor ao governo do Estado e de cuja incumbência e realização foi Graciotti o fator principal. E ainda muitas outras iniciativas, algumas perdidas no anonimato, mas que significaram muito em seu tempo (programas culturais de televisão, difusão de bibliotecas escolares, prêmios de estímulo à cultura, etc), ou então realizações que ficaram, como a Ordem dos Velhos Jornalistas e a Academia Paulista de Jornalismo, às quais o autor desta nota orgulha-se de pertencer. E ainda o histórico da elaboração de alguns de seus livros, em cujo processo muito se tem a aprender, com a vontade de "servir" que Graciotti sempre demonstrou - e transmitiu a outros - ao longo de sua carreira de intelectual e homem público. ONM (Cortesia do autor).

ISAU, Manoel - Liceu Coração de Jesus: cem anos de atividades de uma escola numa cidade dinâmica e em transformação. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1988. 396p

É por todos sobremaneira reconhecida a importância da obra salesiana nos domínios da educação. Seus grandes colégios, espalhados por todo o país, aí estão a atestá-la. Um dos mais importantes desses educandários é o "Liceu Coração de Jesus", da capital paulista, fundado em 1885, por iniciativa do bispo Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. O objetivo do autor neste importante documentário, foi, como ele próprio o confessa, "apresentar o projeto salesiano de educação realizado no tempo e no espaço, isto é, no Brasil, no Estado de São Paulo e, especialmente, na cidade de São Paulo, sofrendo, *pari passu*, as vicissitudes das grandes transformações que se operavam com rapidez e até com certa violência na sociedade paulista e na grande metrópole paulopolitana". O grande edu-

candário dos Campos Elíseos continua, cem anos depois, a imensa obra que se propôs realizar quando de sua fundação. Sua história confunde-se com a do bairro onde se localiza e com a da própria cidade de São Paulo. Bairro outrora de alto nível, mas que sofreu, nos últimos anos, lamentável processo de deterioração. Nível tão alto, que chegou a ser, por mais de meio século, a residência dos chefes do governo paulista, ao mesmo tempo que sediou algumas das mais ricas mansões da era áurea do café. Este o grande mérito do livro: inserir o colégio no contexto da cidade. ONM (Cortesia do autor).

KEITH, Henry Hunt - Os soldados salvadores: as revoltas militares brasileiras de 1922 e 1924, em perspectiva histórica. Trad. Antônio Patriota. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1989. 292p (Publicação nº 581; Col. "General Benficio", v. 270).

Em diversas ocasiões tivemos oportunidade de ressaltar o caráter salvecionista dos movimentos e campanhas políticas no Brasil, no período republicano. O historiador norte-americano, autor do presente volume, em boa hora editado entre nós, refere-se à mesma característica, porém no elemento militar, em todas as suas manifestações não apenas de 1922 e 1924 como o título dá a entender, mas desde o advento do Brasil como nação. Sentimo-nos gratificados ao verificar que a preocupação que demonstramos em vários escritos não se limitava, pois, ao poder civil. Desta maneira, o presente volume traz inestimável contribuição ao conhecimento de certos aspectos da história brasileira, não diríamos ignorados, mas pouco mencionados pelos nossos historiadores. Apresentando-o observam os editores que o livro "um acurado estudo acerca do recurso às forças armadas visando à salvação nacional, proporcionando subsídios valiosos para os que procuram enriquecer seus conhecimentos históricos". ONM.

Maia, Thereza Regina de Camargo - O passado ao vivo. Ilustr. de Tom Maia. São Paulo, Fundamento para o Desenvolvimento da Educação, 1988. 76p.

O ilustre e talentoso casal de Guaratinguetá, ao qual já muito deve a história da arte no Brasil, neste pequeno volume mostra inserção de sete cidades na crônica social e política (e também artística) da parte paulista do Vale do Paraíba: Silveiras, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, Areias, São José do Bar-

reiro e Bananal. "Aconteceu no século XVII. Jacques Felix deu início à vila de Taubaté, primogênita da civilização que iria se desenvolver entre a Mantiqueira e os contrafortes da Serra do Mar. O mesmo século viria nascer as vilas de Guaratinguetá e de Jacareí, os povoados de Pindamonhangaba e de Tremembé e os aldeamentos indígenas de Nossa Senhora da Escada e de Nossa Senhora do Desterro, hoje São José dos Campos. Bandeirantes, índios, ouro, tropas de muares, comércio de beira de estrada, coragem, heroísmo, lendas e estórias dinamizaram os primeiros tempos desses núcleos que marcaram e povoaram os caminhos do Vale do Paraíba e as terras das Minas Gerais. O século XVIII assistiu ao desenvolvimento dos núcleos primitivos e viu nascerem três novas vilas e mais sete novos povoados. A região, que tinha sua economia voltado ao abastecimento das minas ao norte da Mantiqueira, sentiu, ao final desse século, a decadência desse comércio em face do esgotamento das minas. Por essa época, surgiram no vale do Paraíba os primeiros pés de café, inicialmente como arbustos medicinais ou meramente decorativos, passando logo em seguida a fonte de maior riqueza e esplendor da região". O presente volume aparece-nos como manifestação primeira dos resultados de um projeto mais amplo, estimulado pela Secretaria de Cultura do Estado visando ao resgate da memória de áreas históricas de grande significação na terra paulista. Ele nos transmite, de forma breve, mas expressiva, os aspectos mais belos desta região do fundo do vale. ONM (Cortesia do Museu Frei Galvão, de Guaratinguetá).

Peixoto, Silveira - A tormenta que Prudente de Moraes venceu! Segunda edição (fac-similar). São Paulo, Imesp, 1990. 388p

O que se teria a dizer deste livro de Silveira Peixoto já o foi - e devidamente -, por ocasião de seu aparecimento há meio século. Comemorava-se, na ocasião, o centenário de Prudente de Moraes e o trabalho do eminente jornalista veio tirar do esquecimento o grande ituano e sua participação no início do período republicano, como presidente da Constituinte de 1890/91 e, pouco depois, o primeiro presidente civil do País. O que é seu livro, o próprio autor o diz, logo na primeira frase: "Um romance da fase tormentosa que Prudente de Moraes viveu e que abrange o ocaso do Império e o alvorecer da República". Muito de propósito, explica, não quis fazer obra de análise ("A arte, quando pretende provar, já não é mais arte"). Prefere narrar: expor, corpo e alma e dentro de sua época, a "figura impressionante" de seu biografado. E justifica: ao dar um sabor de romance aos episódios, conservou-se, porém, fiel à verdade: "Tudo o que se acha

relatado nestas páginas resultou de um trabalho de pesquisa, demorado, cuidadoso e encontra seu fundamento na realidade dos fatos". Meio século depois, seu livro não perdeu a oportunidade nem o interesse e, tanto quanto saiba, nada apareceu neste longo lapso de tempo sobre o grande presidente. A grande quantidade de textos transcritos, quase sempre na íntegra (cartas, discursos, proclamações, artigos de jornais da época, etc), dá, de fato, um embasamento documental ao livro, no qual um pesquisador moderno apenas estranharia a ausência de citação das fontes. Mas, isto não estava nas preocupações e nem no espírito do autor. Apenas, contraria bastante o epíteto de "romance" que ele próprio deu ao seu livro... Ao apresentar esta nova edição, lembrou Silveira Peixoto que seu livro, na época em que foi publicado - plena vigência da ditadura de Vargas -, valeu por "um livro de luta", porque contrapôs Prudente de Moraes ao ditador de então. Aliás, não só ao instituidor do "Estado Novo" seu livro poderia ser contraposto. Ele se contrapõe a todos os outros que, após Vargas, aviltaram o poder, de maneira até mais acintosa que o ditador gaúcho, porque fizeram-no sob a aparência da legalidade e da democracia. "O temporal...". Meio século depois, *A tormenta que Prudente de Moraes venceu* vem a calhar, pois neste ano transcorre o sesquicentenário do grande presidente. Grande, mas esquecido. Acertou Sólon Borges dos Reis, na carta que dirigiu ao Governador do Estado pleiteando o apoio oficial para a reedição do livro: "Há uma indisfarçável conspiração de silêncio procurando confinar no ostracismo a memória dos grandes estadistas que, aqui e na direção do País, deram o melhor de sua maneira de ser, sentir, pensar e agir, ao desenvolvimento integral da Nação brasileira". E o governador de então, Orestes Quércia, sensível ao apelo, autorizou a reedição da obra pela Imprensa Oficial do Estado. ONM (Cortesia do autor).

Silva, Alberto Martins da - João Severiano. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1989. 192p (Publicação nº 580; Col. "General Benício", vol. 269).

"A História Militar brasileira se destaca pela riqueza de personalidades admiráveis que dela participaram e que nela deixaram, sem dúvida alguma, verdadeiros exemplos de patriotismo, responsabilidade e abnegação. Nesta obra é revivida a figura do Gen Med João Severiano da Fonseca, misto de médico, militar, escritor e historiador que transcendeu em exemplos de dedicação e heroísmo as páginas da história militar de nossa Pátria. Este ilustre militar atingiu o generalato percorrendo os caminhos afano-

sos e extensos da hierarquia militar, sublimado pelos exemplos de renúncia, devotamento, austeridade, dignidade de atitudes e elevado espírito profissional e solidariedade humana, fazendo-se perpetuar de maneira consagrada, por justiça, em modelo de civismo e símbolo excelso do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. A significativa participação deste magnânimo vulto no cenário nacional é relatada, nesta obra, com raro brilho e envolvente seqüência, pelo autor, conduzindo assim o leitor à fiel percepção dos fatos e feitos que assinalaram a presença marcante deste personagem heróico" (Da apresentação da Editora). Acrescentemos, apenas, os títulos dos quatro capítulos que constituem o livro: 1. Das Alagoas para a Corte; 2. A caserna e da guerra; 3. Entre musas e males; 4. Envolvimento político. E mais: a "fé-de-ofício" do biografado e extensa bibliografia.

*

PERIÓDICOS

Estudos Avançados, vol. 4 nº 8, jan/abr 1990. publ. do Instituto de Estudos Avançados da Univ. de São Paulo. *Conteúdo*: Radicalismos (Antônio Cândido); Cultura brasileira ou cultura republicana? (Carlos Guilherme Mota); A identidade nacional brasileira (Michel Debrun); A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui (Alfredo Bosi); Theorizing underdevelopment: Latin America and Romania (Joseph Love); Parlamentarismo x presidencialismo no mundo moderno: revisão de um debate atual (Alfred Stepan); A Universidade e a pesquisa histórica (Fernando A. Novais); O "Esquecimento de nomes próprios", na psicopatologia da vida cotidiana de Sigmund Freud (Di Giorgi); Impactos ecológicos das represas hidrelétricas na bacia amazônica brasileira (Wolfgang Junk e Nunes de Melo).

Arrecifes, ano 3, nº 2. Revista do Conselho Municipal de Cultura do Recife, s/d. *Conteúdo*: Com Nassau, o predomínio sobre Olinda (J. A. Gonsalves de Mello); A forma e a estrutura de uma cidade (Antônio Baltar); Uma cidade convertida em arquivo vivo (Nelson Saldanha); Do abrigo remansoso nasce o porto (Napoleão Barroso Braga); Uma iconografia da cidade antiga (Leonardo Dantas Silva); Vassourinhas foi "compositado" em 1909 (Evanildo Rabelo); O Recife e as construções religiosas (José Luiz Mota Me-

nezes); O povo contra a oligarquia: a Guerra dos Cabanos (Manuel Correia de Andrade); Recife: a ficção dos 450 anos (Ruy dos Santos Pereira).

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 30, 1989. Número todo consagrado a Tobias Barreto, pela passagem de seu sesquicentário: Tobias Barreto: formação humanística em Sergipe (Paulo Mercadante); Aspectos da vida literária de Tobias Barreto (Antônio Garcia Filho); Tobias Barreto e a renovação do pensamento brasileiro (Maria Thetis Nunes); "Voltar a Tobias é progredir" (Junot Silveira); Tobias Barreto: notas para um reexame de sua maneira e de seu papel como intelectual (Nelson Saldanha); Tobias Barreto como teórico da organização da sociedade (Luiz Antônio Barreto); Tobias Barreto, ideólogo da burguesia? (Ariosvaldo Figueiredo); Ernesto Haeckel e a fama de Tobias Barreto (Jackson da Silva Lima); Tobias Barreto: Monismo e Dualismo (José Silvério Leite Fontes); O germanismo patrioticamente brasileiro de Tobias (Vamireh Chacon); Tobias e o romantismo penal (Virgílio Campos); O projeto cultural reformador da Escola do Recife (Antônio Paim); Fausto Cardoso, um tobiático na política (Terezinha Oliva); Tobias Barreto: notas (Francisco Rollemberg)

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Volumes 358 a 361. 1988.
Conteúdo: Vol. 358. A emancipação de escravos (Francisco Luiz Teixeira Vinhosa); Escravos e Beneditinos (Dom Matheus Rocha); O "tráfico de escravatura branca" para Pernambuco no ocaso do tráfico de escravos (Marcus J. M. de Carvalho); A Sinagoga do Recife holandês (J. A. Gonçalves de Melo); Os tarairiús, extintos tapuias do Nordeste (Olavo de Medeiros Filho); Reavaliando Villa Lobos no seu centenário (Vasco Mariz); O primeiro livro impresso em Portugal (Egon Wolff); Rodolfo Garcia e Basílio de Magalhães na historiografia brasileira (Mário Barata); Recordando Viana Moog (Dante de Laytano). *Vol. 359:* As relações internacionais da América Latina nos séculos XIX e XX (Arthur Reis); Conselheiro Cata Preta (Lourival Pinheiro); As relações brasileiras de um investigador português (Fernando Castelo Branco); Bolívar e o Brasil (Vamireh Chacon); A História na poesia popular: o negro na literatura de cordel (Umberto Peregrino); A obra literária como documento histórico (Vicente Tapajós); Eugênio Vilhena de Moraes (Mons. Guilherme Schubert, Francisco Ruas Santos e Tarcísio Padilha); José Honório, historiador (Afrânio Coutinho); A Igreja e a Abolição (Dom Eugênio de Araújo Sales); Anchieta educador (A. Jacobina Lacombe). *Vol. 360:* Uma leitura do "Manifesto" de Cipriano

Barata (Luiz H. Dias Tavares); Miguel Maria Lisboa (Harry Bernstein); A Universidade de Bolonha e a cultura medieval (Sílvio Meira); Um estudo da Perestroika e impressões de uma viagem à Rússia (Elber de Melo Henriques); O Velho Testamento e a escravatura (Egon Wolff); O bicentenário da Inconfidência Mineira (Herculano Gomes Mathias); Tarquínio, o paulista admirável (Autran Dourado); Dom Pedro II, admirador de Wagner (Vasco Mariz); O Etíope resgatado (Lucinda Coelho). *Vol. 361*: O mundo dos economistas no Brasil nos últimos 40 anos (Oliver Onódy); Revisão na História do Brasil (Waldemar de Almeida Barbosa); A Igreja e a Escravidão (Con. Vidigal de Carvalho); O Rio de Janeiro e a união ibérica (Nilo Garcia); História e geografia do Pão de Açúcar (Cristóvão Leite de Castro); Dois educadores paulistas (Raul de Andrada e Silva); O plebiscito e a República (A. H. Cunha Bueno).